

**A CONFIGURAÇÃO
DISTÓPICA EM ADAPTAÇÃO
DO FUNCIONÁRIO RUAM,
DE MAURO CHAVES, EM
DIÁLOGO INTERTEXTUAL
COM NÓS, 1984 E LARANJA
MECÂNICA**

*THE DYSTOPIAN
CONFIGURATION
IN ADAPTAÇÃO DO
FUNCIONÁRIO RUAM,
BY MAURO CHAVES, IN
INTERTEXTUAL DIALOGUE
WITH WE, 1984, AND A
CLOCKWORK ORANGE*

**Pedro Fortunato¹
UFAL**

1 Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLL da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: fn7pedro@gmail.com.

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da novela *Adaptação do Funcionário Ruam* (1975), de Mauro Chaves, um exemplo de distopia da literatura brasileira do século XX. Partindo de uma metodologia que privilegia as possíveis relações intertextuais entre esta obra e as distopias *Nós* (1924), de Evgêni Zamiátin, *1984* (1949), de George Orwell e *Laranja Mecânica* (1962), de Anthony Burgess, e recorrendo às teorizações sobre a distopia enquanto gênero literário produzidas por Erika Gottlieb (2001), Raffaella Baccolini e Tom Moylan (2003), Tom Moylan (2016) e Gregory Claeys (2017), este estudo se concentra em apresentar como se configura essa distopia e como essa configuração se caracteriza por meio de diálogos intertextuais em aspectos temáticos e estruturais com esses três exemplares da literatura distópica estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia. Intertextualidade. *Adaptação do Funcionário Ruam*. Mauro Chaves.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the novella *Adaptação do Funcionario Ruam* (1975), by Mauro Chaves, an example of dystopia in 20th-century Brazilian literature. Based on a methodology that privileges the possible intertextual relations between this work and the dystopias *We* (1924), by Evgêni Zamiátin, *Nineteen Eighty-Four* (1949), by George Orwell, and *A Clockwork Orange* (1962), by Anthony Burgess, and resorting to the theories on dystopia as a literary genre produced by Erika Gottlieb (2001), Raffaella Baccolini and Tom Moylan (2003), Tom Moylan (2016), and Gregory Claeys (2017), this study focuses on presenting the ways in which this dystopia is configured and how this configuration is characterized by intertextual dialogues with these three examples of foreign dystopian literature, in thematic and structural aspects.

KEYWORDS: Dystopia. Intertextuality. *Adaptação do Funcionário Ruam*. Mauro Chaves.

Introdução

Diante do caos mundial vivido em decorrência da

pandemia da Covid-19, além de outros fatores prévios envolvendo instabilidade política, desigualdade social e degradação do meio ambiente em diversos locais do mundo, o termo “distopia”, que etimologicamente significa um lugar ruim ou doentio (CLAEYS, 2017) vem sendo amplamente utilizado em discursos variados que vão desde a crítica literária e de outras produções culturais, até análises voltadas a aspectos políticos de nosso mundo empírico. Ainda assim, apesar de envolver um universo mais abrangente do que o da literatura, a distopia também é um gênero literário que se consolidou em diversas obras no século XX (MOYLAN, 2016). Dentre as várias distopias publicadas no século passado, algumas das que tiveram maior impacto na literatura mundial são *Nós* (1924), do escritor russo Evgêni Zamiátin, *1984* (1949), do autor indiano britânico George Orwell, e *Laranja Mecânica*, do escritor inglês Anthony Burgess.

No Brasil, um número razoável de distopias foi escrito no século passado, boa parte delas durante o período da ditadura militar entre 1964 até 1985, como mostra Elizabeth Ginway (2004). No presente artigo, dedico a análise para uma obra cuja fortuna crítica é, até o momento, escassa, tendo sido rapidamente analisada por Ginway no citado estudo. A distopia *Adaptação do Funcionário Ruam* (1975), obra que rendeu o prêmio *Pen Club* ao jornalista Mauro Chaves (1941-2011)², nos apresenta um Brasil em um futuro distante, mas com data não especificada, dominado por um grande sistema totalitário altamente militarizado. Nesse contexto, o funcionário Ruam, inicialmente um agente de alto escalão militar do regime distópico, apresenta certa dificuldade em se adequar totalmente a esse sistema, de modo que toda a narrativa tem como foco sua adaptação a ele, daí o título da obra. Ao lermos sobre a vida e os questionamentos de Ruam nesse Brasil do futuro, podemos observar diversos diálogos intertextuais com algumas das mais influentes distopias publicadas nos primeiros sessenta anos do século passado. Assim, a seguir, a análise desenvolvida no presente artigo tem como foco as possíveis influências e interseções intertextuais dessas distopias para a construção narrativa de *Adaptação do Funcionário Ruam*.

2 Cf. Reinaldo Azevedo (2011).

A linguagem do futuro: neologismo e estranhamento

Quando refletimos sobre a composição de uma obra, diversos caminhos podem ser trilhados. Suas relações com seu momento histórico, com a vida de seu/a autor/a, com o gênero literário na qual ela se insere, ou com algum tipo de tradição pré-existente, dentre outras tantas possibilidades. Na introdução de seu trabalho sobre o desenvolvimento do conceito de intertextualidade, a crítica francesa Tiphaine Samoyault nos aponta sobre as relações que a literatura estabelece com ela mesma:

A literatura se escreve certamente numa relação com o mundo, mas também se apresenta numa relação consigo mesma, com sua história, a história de suas produções, a longa caminhada de suas origens. Se cada texto constrói sua própria origem (sua originalidade), inscreve-se ao mesmo tempo numa genealogia que ele pode mais ou menos explicitar. (SAMOYAULT, 2008, p. 9).

Tendo em vista essa característica das obras literárias, podemos partir do conceito de intertextualidade, conforme teorizado por Júlia Kristeva, de que todo texto é “absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64), para expor algumas das maneiras pelas quais a distopia brasileira aqui em foco absorve e transforma textos distópicos prévios da literatura estrangeira para construir sua própria originalidade distópica.

O primeiro ponto de aproximação intertextual que podemos observar em *Adaptação do Funcionário Ruam* com algumas das distopias mais influentes do século XX é a presença de uma linguagem do futuro. Toda a narrativa de *Adaptação do Funcionário Ruam* é marcada pela presença de estrangeirismos e neologismos como demonstra o trecho destacado a seguir: “O querido jovem vestia o uniforme de campanha então usado por sua unidade de armitropa. Aquele modelo de veste golda, igual ao que agora também vestia Ruam” (CHAVES, 1975, p.

16). O neologismo *armitropa* parece ser um substantivo criado pela aglutinação da palavra inglesa *army*, substantivo que pode ser traduzido para o português como exército, com a palavra portuguesa *tropa* (também um substantivo). Já o adjetivo *golda*, parece ser uma forma aportuguesada da palavra inglesa *gold*, adjetivo que pode ser traduzido como dourado/a, já que, em inglês, os adjetivos não sofrem alteração conforme o gênero da palavra que caracterizam, ao passo que em português isso ocorre. Assim, *armitropa* e *golda* são simplesmente palavras desse novo português para *exército* e *dourado/a*, indicando que a veste de Ruam era uma farda militar de cor dourada. Ao escolher esse estilo de escrita, marcado por neologismos e aglutinações, Mauro Chaves dialoga fortemente com dois clássicos da distopia em literatura em língua inglesa, *1984* e *Laranja Mecânica*.

Em *1984*, existe um idioma criado pelo governo autoritário que também utiliza a aglutinação como principal fonte para seus neologismos. A *Newspeak*, traduzido para o português como *Novilíngua*, por Wilson Veloso, e como *Novafala*, por Alexandre Hubner e Heloisa Jahn, é a língua oficial em processo de implementação pelo governo da Oceania, o país imaginado por George Orwell em sua distopia.³ Nesse novo idioma, encontramos, por exemplo, o termo *duplipensamento* (*doublethink*, no original em inglês), que, aglutinando as palavras *duplo* e *pensamento* (ou *double* e *think*, no original), designa “a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas” (ORWELL, 2009, p. 252). No que diz respeito à forma pela qual os neologismos aparecem dentro do enredo de *1984*, a voz narrativa empregada nessa obra (heterodiegética, assim como a da novela de Mauro Chaves aqui focalizada) explica os significados dos neologismos da *Novafala* – conforme notamos na passagem destacada anteriormente –, como se contando uma história para um público que não os conhece. Além disso, a própria população da Oceania não fala ainda completamente em *Novafala*, por se tratar de uma ficção

³ Neste artigo, utilizo a versão para o português de *1984* traduzida por Alexandre Hubner e Heloisa Jahn, conforme consta nas referências. Portanto, sempre que me refiro a *Newspeak*, utilizo *Novafala*.

de futuro próximo. O caso é diferente na distopia brasileira aqui em foco, que trata de um futuro longínquo no qual as pessoas parecem não conhecer o português conforme falado na época de publicação do livro. Portanto, apesar de haver semelhanças entre a *Novafala* e o novo português falado por Ruam, Orwell apresenta seu idioma do futuro de forma mais didática do que Chaves, de modo que existe uma diferença estilística significativa entre as duas obras.

Por apresentar sua língua do futuro sem explicar os significados de seus neologismos, essa obra de Mauro Chaves se aproxima estilisticamente de *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess, cujo dialeto *Nadsat* – que junta inglês com russo –, é inserido na narrativa sem nenhuma explicação. No caso da distopia de Burgess, o narrador personagem, um jovem chamado Alex, narra sua própria história, sem expressar maiores preocupações em ter seu dialeto compreendido, por quem quer que seja seu possível público receptor. Assim, durante toda a obra, encontramos um texto cuja própria decodificação apresenta suas dificuldades, como mostra o seguinte trecho retirado do romance em seu original em inglês: “There was me, that is Alex, and my three droogs, that is Pete, Georgie, and Dim, Dim being really dim, and we sat in the Korova Milkbar making up our rassoodocks what to do with the evening” (BURGESS, 1996, p. 3).⁴ No trecho destacado, ressalto o uso de palavras como *droogs*, *Korova* e *rassoodocks* neologismos que podem ser difíceis de entender mesmo para o público leitor original de Burgess, isto é, pessoas falantes do inglês. Semelhantemente, o texto de Mauro Chaves também apresenta suas dificuldades de decodificação para seu público leitor original, ou seja, falantes nativos do português, como o trecho destacado anteriormente nos indica pela presença dos neologismos *armitropa* e *golda*. Ademais, como muitos dos neologismos na obra de Chaves são palavras que parecem aglutinar termos do português com o inglês (ainda que nem todos sigam essa regra), podemos observar uma aproximação, no que

4 Na tradução de Fábio Fernandes para o português: “Éramos eu, ou seja, Alex, e meus três druguis, ou seja, Pete, Georgie e Tosko, Tosko porque ele era muito tosco, e estávamos no Lactobar Korova botando nossas rassudoks para funcionar e ver o que fazer naquela noite”. (BURGESS, 2019, p. 45).

diz respeito ao processo de formação de palavras, entre o idioma *Nadsat* de Burgess, que aglutina palavras da língua inglesa com palavras da língua russa, com o português do futuro imaginado por Mauro Chaves.

Não é razoável argumentar que os textos desses dois autores nessas duas obras são incompreensíveis. Contudo, a criação de uma nova linguagem nas narrativas pode adicionar mais uma camada de significações a essas distopias. Fábio Fernandes, tradutor da versão mais recente de *Laranja Mecânica* para o português até o presente momento,⁵ associa o idioma Nadsat ao estranhamento presente em obras de ficção científica, argumentando que:

Laranja Mecânica é um livro de ficção científica. É uma das coisas que tornam a literatura de ficção científica tão atraente para o leitor é a capacidade de mergulhá-lo num mundo novo, onde coisas fantásticas ocorrem o tempo inteiro. [...]. É um procedimento que aproxima o *sense of wonder* da ficção científica do conceito de estranhamento fundamentado pelo formalista russo Viktor Chklóvski: uma anomalia na chamada ordem natural das coisas, algo que faz com que o leitor saia de sua realidade cotidiana e se depare com uma realidade não necessariamente reconhecível. (FERNANDES, 2019, p. 23-24).

O estranhamento ao qual Fernandes se refere tem base na teorização de Darko Suvin (1979) sobre a poética da ficção científica. No que diz respeito ao termo *estranhamento*, Suvin recorre ao pensamento de Viktor Chklovski em seu importante *A Arte como Procedimento* (1917) e à reflexão do dramaturgo alemão Bertolt Brecht sobre o efeito de distanciamento, formulado por volta de 1936. Com base em Chklovski e Brecht, Suvin defende que a ficção científica produziria um estranhamento cognitivo, isto é, tornaria não familiar um assunto que nos seria corriqueiro, pela inserção na narrativa de elementos distantes do nosso cotidiano,

⁵ Além da tradução de Fábio Fernandes, publicada inicialmente em 2004, pela editora Aleph, existe a tradução anterior de Nelson Dantas, publicada pela editora Artenova, em 1972.

mas que, ainda assim, podem ser explicados pela racionalidade (daí o estranhamento ter uma base cognitiva e não fantástica, mágica ou sobrenatural). Nessa perspectiva, Fernandes observa que, no caso do romance de Burgess, o futuro representado na narrativa de Alex não difere profundamente da Inglaterra do próprio autor nos anos de 1960. Porém, desde a primeira página dessa obra, sabemos que estamos diante de um mundo novo, simplesmente pela linguagem falada pelo protagonista narrador. Assim, o estranhamento cognitivo em *Laranja Mecânica* seria principalmente configurado pela linguagem do *Nadsat*.

Obviamente, outros aspectos fazem de *Laranja Mecânica* uma obra de ficção científica, como o procedimento de lavagem cerebral pelo qual passa a personagem Alex durante a história. Além disso, devido à maneira tão natural com que a violência urbana é narrada no romance, somada à forma autoritária com que o governo com ela lida – ao usar Alex como cobaia de um experimento para recondicionamento comportamental –, a obra tem sido lida não só como um exemplo de ficção científica, mas também de distopia. Já no caso de *Adaptação do Funcionário Ruam*, o Brasil do futuro apresenta diversas diferenças com a sociedade brasileira dos anos de 1970, de modo que a linguagem se constitui como mais um elemento na construção do estranhamento distópico proporcionado pela obra, ao que se acrescenta o distanciamento dos costumes sociais nela descritos.

Distopias como *Laranja Mecânica* e *Adaptação do Funcionário Ruam* utilizam-se da nova linguagem como parte da descrição narrativa de modo a simular uma naturalidade daquela nova forma de falar/escrever/ler, o que pode tornar o processo de leitura mais desafiador para o/a leitor/a, mas também pode fazer com que se reflita sobre os significados das palavras (remetendo ao estranhamento teorizado por Chklovski). No caso desta novela de Mauro Chaves, além do estranhamento que a linguagem pode gerar, a forte influência do inglês na criação dos neologismos empregados na obra pode apontar para um avanço de um processo de globalização em que o idioma português se transforma principalmente pela adoção de palavras estrangeiras.

Nesse sentido, considerando o Brasil como um país que, na época de publicação do livro, estava sob uma ditadura militar altamente influenciada pelo poder estrangeiro dos Estados Unidos, a aglutinação entre inglês e português pode também simbolizar uma crítica à sujeição brasileira aos poderes estadunidenses naquela época.

O Brasil do futuro: controle do comportamento e violência coercitiva

Se observarmos as distopias de maior influência na literatura do século XX, notaremos que o Estado distópico é muitas vezes representado como um lugar caracterizado por falta de liberdade individual e normalização do uso institucional da violência contra a população. Nesse sentido, Gregory Claeys define a literatura distópica como representando “sociedades onde uma maioria substancial sofre escravidão e/ou opressão como resultado da ação humana” (CLAEYS, 2017, p. 290). No caso de *Adaptação do Funcionário Ruam*, encontramos algo denominado de Grande Sistema, programado por uma entidade nunca explicada cujo nome é Potestade. Esse Grande Sistema é responsável pelo funcionamento social dessa distopia, controlando o comportamento da população em seus mínimos detalhes através de um dispositivo tecnológico, como fica claro logo ao início da obra: “Ruam tirou do bolso o seu manual de implicações e começou a confrontar os códigos. [...] Esses manuais continham quatro capítulos, referentes às implicações gerais, grupais, familiares e individuais.” (CHAVES, 1975, p. 11). Notamos que os/as cidadãos/ãs dessa distopia recorrem a um manual fornecido pelo Grande Sistema para realização de suas ações diárias. Seus manuais contém as diretrizes gerais, grupais, familiares e individuais, o que indica que o comportamento humano é totalmente controlado pelo sistema distópico. Nesse sentido, a obra, como observa Elizabeth Ginway: “alerta contra tecnologias que podem ser usadas para manipular a percepção da realidade” (GINWAY, 2004, p. 111), configurando uma advertência crítica aos perigos do uso da tecnologia para a criação de um mundo super controlado.

O controle comportamental na esfera do cotidiano das pessoas é um elemento frequente na ficção distópica. Em *Nós*, de Zamiátin, existe a Tábua das Horas, na qual todas as atividades são programadas, como mostra o trecho a seguir:

a Tábua das Horas converteu cada um de nós em verdadeiros heróis de seis rodas de aço, heróis do grande poema. Todas as manhãs, com exatamente seis rodas, precisamente na mesma hora, precisamente no mesmo minuto, nós, os milhões, levantamos como um só. Exatamente na mesma hora, unimilhões começamos a trabalhar e, na mesma hora, unimilhões, terminamos o trabalho. (ZAMIÁTIN, 2017, p. 30)

A Tábua das Horas pode ser comparada ao manual de implicações, no sentido de uma programação imposta pelo governo distópico que impõe uma forma de comportamento à sua população. Assim, um aspecto que insere esse Brasil do futuro no gênero distopia é o alto grau de controle exercido pelo poder político sobre a esfera privada de sua população.

Além da imposição de regras comportamentais, as distopias tendem a se caracterizar também pelo uso extremo da violência para manutenção da ordem e imposição de tais regras. Tom Moylan (2016) observa o papel central da coerção para a manutenção da ordem hegemônica em grande parte das distopias do século XX. Nesse caso, a coerção através da violência mantém a população subjugada e amedrontada, como observa Gregory Claeys: “Muitas distopias, embora não todas, imaginam regimes caracterizados por extremo sofrimento, medo e opressão.” (CLAEYS, 2017, p. 270). Observando esse ponto, podemos comparar *Adaptação do Funcionário Ruam com 1984*, para ilustrar como se configura a violência para manutenção do poder hegemônico nessas distopias.

Na distopia de Mauro Chaves, a história de Ruam se desenvolve em uma progressão que vai do amor da personagem pelo Grande Sistema, até uma virada de total rejeição por ele, tendo seu relacionamento com a personagem Miraia como pivô

dessa mudança. Inicialmente, nos é relatada a existência de um Departamento de Contestação e de pessoas denominadas de Contaminados, que pertenceriam a esse departamento. A oposição permitida pelo Grande Sistema, porém, é descrita como limitada, além do fato que podemos observar uma violência extrema contra os/as Contaminados/as que agem de modo a ultrapassar seus limites, como podemos observar na passagem destacada: “[Miraia] conhecia os limites legais da subversividade. Quando ultrapassados a punição era rápida e dolorrível. O que mais temia eram certos aparelhos de jusconfessadores. Como aquele modelo de injetor de pesadelos.” (CHAVES, 1975, p. 16). Mais adiante na narrativa, Ruam, por questionar o Grande Sistema, deixa de integrar a *armitropa* e se torna um *Contaminado*. Então, a narrativa revela que seu sofrimento nessa nova posição social havia atingido um grau de tortura física que chega a modificar sua aparência física:

Tornara-se quase irreconhecível. Perdera quase todos os cabelos. Os que restavam branquearam de todo naqueles dias. Seus dentes eram outros. Agora de porcelana franquinada, escumarela. Por punitransplantes. Sua cara agora, macilenta e oleosa, donde saltavam regalolhos vermelhos congestos. Seus beijos secados brancos. Seu corpo todo um estoque de megadores, em que transformado em só poucos dias! (CHAVES, 1975, p. 44-45)

Já em 1984, as personagens Winston Smith e Júlia, após serem presas por desobediência ao Partido, são submetidas a torturas. Não temos acesso na narrativa ao processo de sofrimento enfrentado pela personagem Júlia, mas temos páginas e mais páginas relatando os sofrimentos aos quais Winston é submetido em seu processo de reforma pelo sistema distópico da obra.⁶ Nesse processo, Winston sofre uma transformação física que lembra a descrição da personagem Ruam destacada acima, como podemos observar no trecho a seguir:

⁶ Ver Miranda (2021) para uma análise da figuração da tortura em 1984.

Uma figura encurvada, cinzenta e esquelética avançava em sua direção. [...]. O rosto da criatura parecia proeminente, por causa da postura encurvada. Um rosto abatido, semelhante ao de um passarinho na gaiola, com uma testa aristocrática que se emendava com a cabeça calva, um nariz torto, a boca quase sem lábios e a face deformada sob uns olhos que se mantinham enérgicos e atentos. A primeira impressão fora de que também ficara grisalho, mas era a pele da cabeça que assumira um tom acinzentado. (ORWELL, 2009, p. 316)

Comparando a descrição das duas personagens, podemos argumentar que tanto o Brasil imaginado por Mauro Chaves como a Oceania de Orwell utilizam da violência como uma medida coercitiva para manutenção do poder de suas estruturas governamentais. No caso de Orwell, os terrores fictícios em *1984*, conforme o próprio autor, nos são contados para alertar sobre os perigos de um poder centralizador com inspiração em abusos cometidos tanto por governos fascistas como alinhados ao comunismo (ORWELL, 1968). Já no caso de *Adaptação do Funcionário Ruam*, a ditadura militar brasileira, que torturou e executou diversos/as opositores/as políticos (KUSHNIR, 2004), foi certamente o alvo crítico de Mauro Chaves, ao imaginar sua distopia cuja ordem tem como base a violência, tortura e execução.

A resistência na formação da narrativa distópica

Tom Moylan e Raffaella Baccolini argumentam que o texto distópico é “edificado em torno da construção de uma narrativa da ordem hegemônica e de uma contranarrativa de resistência” (BACCOLINI; MOYLAN, 2003, p. 5). Referente ao enredo, isso significa que as distopias tendem a apresentar um poder hegemônico controlador que acaba sendo desafiado por uma personagem (ou mais frequentemente um grupo de personagens), criando assim o conflito necessário para o desenvolvimento da ação da história. Assim, por exemplo, em *Nós*, de Zamiátin,

existe um movimento infiltrado na sociedade dominada pelo Estado Único, que planeja e executa uma revolução. Já em *1984*, as personagens Winston Smith e Júlia desejam ingressar em um grupo denominado Confraria, que supostamente promovia ações para desestabilização do Partido dominante da sociedade distópica daquela obra. Por fim, em *Laranja Mecânica*, o protagonista Alex, após sofrer um processo de lavagem cerebral para destruição das características violentas de sua individualidade, encontra a personagem F. Alexander, um escritor e dissidente político dedicado a promover a desestabilização do governo distópico representado na obra. Nos três casos, bem como na distopia de Mauro Chaves, os enredos se desenvolvem ao redor dos conflitos suscitados pelos embates discursivos entre a lógica que orienta cada um desses regimes distópicos e as reflexões e ações das personagens protagonistas que se apresentam inadequadas a tais sistemas.

No caso de *Adaptação do Funcionário Ruam*, a oposição à Potestade move o enredo da obra em dois aspectos, que podemos analisar separadamente. Em primeiro lugar, o conflito narrativo pelo qual passa o funcionário Ruam insere-se em sua relação com a personagem Miraia, no que diz respeito ao questionamento do sistema distópico da Potestade. Como já citado, Ruam perde seu cargo na armitropa e chega a ser transferido para o Departamento de Contestação. Já como um Contaminado, a personagem demonstra como seu sentimento de oposição à Potestade tornara-se em ódio ao Grande Sistema, como podemos ler no trecho seguinte:

Não queria Ruam dar qualquer resposta a seus companheiros Contaminados. [...]. Felinódio, quanto mais que fosse melhor agora. Vontade enorme de destruir o Grande Sistema. Queria dizer vontade de colocar-lhe mesmo alguns pequenos pedregulhos em seu glorioso caminho. Fazê-lo topar. Atrapalhar, sabotar, prejudicar, mesmo atuando em legaparte. (CHAVES, 1975, p. 46).

Na movimentação entre a adoração ao sistema por uma

personagem masculina (Ruam) até o seu desprezo, inspirado por uma personagem feminina (Miraia), temos um ponto de aproximação com a distopia *Nós*. No romance de Zamiátin, a personagem principal, D-503, também inicia seu relato expressando amor ao Estado Único, porém, após desenvolver um relacionamento com I-330, ele se une a um movimento de resistência na tentativa de uma revolução, que acaba sendo esmagada pelo Estado. A resistência em Zamiátin, porém, é clandestina, e não faz parte do sistema oficial do governo como em Mauro Chaves, o que difere as duas obras entre si. Ainda assim, a metáfora do amor entre pessoas como um possível elemento de resistência a um sistema totalitário conecta as duas obras tematicamente, sendo esse traço recorrente em outras distopias, como podemos observar também em *1984*, pela relação das personagens Winston e Júlia, que se configura como um ponto de desobediência ao sistema opressor.

Em segundo lugar, a inadaptação ao todo do sistema não só gera o conflito narrativo a movimentar a história de Ruam, como também (em um nível ficcional) o próprio relato que forma a novela em si. Pelo fim do livro, descobrimos que toda a narrativa de *Adaptação do Funcionário Ruam* (estruturalmente dividida em cinco seções, formadas por capítulos curtos) fora produzida por uma série de cinco unidades computadorizadas (uma unidade para cada seção), como mostra o trecho seguinte, retirado da quinta e última seção do livro: “Que pelos relatos apresentados das quatro unidades anteriores, o funcionário Ruam M. I. Série J. 415/21/SK8 permanece inadaptado” (CHAVES, 1975, p. 117). Ou seja, descobrimos que toda essa distopia se constitui como a representação de um relatório oficial governamental (o que justifica a falta de explicação do significado dos neologismos encontrados na obra), acerca das falhas na tentativa de adaptação do funcionário Ruam. Nesse sentido, a própria razão da existência de tal relatório seria a resistência de Ruam em se adaptar àquele sistema, de modo que o conflito entre narrativa hegemônica e contranarrativa de resistência não só move o enredo, como lhe dá uma origem ficcional.

Portanto, o tema central dessa distopia brasileira é, como sugere seu título, a tentativa do controle total de um indivíduo por parte de um sistema governamental autoritário. Em seu estudo sobre a literatura distópica, Erika Gottlieb, argumentou que o objetivo do poder que domina as distopias pode ser lido como uma tentativa de controlar não apenas as ações políticas das pessoas, mas de “adentrar o que Orwell chamou de ‘alguns centímetros cúbicos’ dentro do crânio: o domínio total de pensamentos e sentimentos” (GOTTLIEB, 2001, p. 41, tradução minha). Nesse sentido, distopia de Mauro Chaves participa nesse *continuum* temático destacado por Gottlieb, visto que a tentativa de domínio total da mente é central à narrativa de *Adaptação do Funcionário Ruam*, considerando que toda a obra se configura como um relatório governamental das falhas em adaptar a personagem Ruam ao Grande Sistema automatizado (ou seja, controlar sua forma de pensar e sentir). Nesse sentido, há uma forte aproximação entre Ruam e Alex, de *Laranja Mecânica*, visto que essas duas personagens protagonizam histórias sobre os embates entre um indivíduo inadequado e um poder distópico que tenta assujeitá-los a um padrão de comportamento definido como socialmente adequado.

Em relação a esse processo de transformação do comportamento inadequado de Ruam, descobrimos, ao fim na última página do livro, que o Grande Sistema da Potestade estava inserido até mesmo nas possibilidades mais íntimas de resistência da personagem, ou seja, na sua relação com Miraia. Na última página da obra, lemos que:

A funcionária Miraia está no momento fazendo uma última tentativa, utilizando da terceira fase da ficção dos Conglomerados, ou seja, a do batimento Quatrossacros. Caso não obtenha êxito, já está autorizada a proceder à execução local do funcionário Ruam, do modo habitual. De nossa parte era o que tínhamos a relatar a essa Grancentral. Salve a Potestade (CHAVES, 1975, p. 118).

A terrível revelação do fim da obra é que a própria Miraia,

que havia sido apresentada como um ponto de resistência ao Grande Sistema desde o começo da história, era, na verdade, uma agente do governo empregada para auxiliar na adaptação do funcionário Ruam. Nesse ponto, podemos compará-la à personagem O'Brian, de *1984*, que atrai Winston e Júlia através de promessas de sabotagem contra o Partido para, por fim, destruir suas individualidades através da tortura, para que não mais ameacem seu governo.

Se podemos comparar Miraia com O'Brian, podemos também comparar o próprio Ruam com as personagens Winston e Júlia, em *1984*, já que o casal também é alvo de traição e tortura. Ademais, podemos ainda comparar essas personagens dessas duas distopias no que diz respeito à vitória contra o poder distópico que as assombra. No diálogo destacado a seguir, Winston e Júlia refletem sobre como vencer o Partido que governava a Oceania, através de uma resistência de suas convicções:

Ela considerou o assunto. “Não conseguem”, disse afinal. “É a única coisa que não conseguem fazer. Eles podem fazê-lo dizer qualquer coisa — qualquer coisa —, mas não podem fazê-lo acreditar nisso. Não podem entrar em você.”
“Não”, disse ele um pouco mais esperançoso. “Não conseguem mesmo. É verdade. Não conseguem entrar em você. Se você conseguir sentir que vale a pena continuar humano, mesmo que isso não tenha a menor utilidade, você os venceu” (ORWELL, 2009, p. 199)

Infelizmente, Júlia e Winston não vencem. A tortura a que são submetidos se mostra eficaz para fazê-los não apenas concordar com o Partido, mas acreditar em suas bases, levando-nos à última cena de encontro do casal, em que ambos confessam suas derrotas, e, por fim, à sombria afirmação da voz narrativa de que, agora, Winston “amava o Grande Irmão” (ORWELL, 2009, p. 346). Considerando que Ruam não se adapta ao sistema da Potestade, no caso da distopia brasileira aqui em foco, podemos argumentar que, conforme o ponto de vista de Júlia e Winston em *1984*, Ruam ainda pode vencer a Potestade, visto que, até

a última página do livro, Ruam não sucumbe a seu controle, permanecendo, assim, “inadaptado, desenvolvendo indagações próprias” (CHAVES, 1975, p. 117).

Também é possível comparar Ruam com D-503, personagem e narrador do romance *Nós*. Assim como Ruam, D-503 inicia seu relato louvando o Estado Único para depois, com o desenvolver da história, passar a questioná-lo e, por fim, tentar derrubá-lo. Ao fim dessa distopia da literatura russa, porém, D-503 é preso e sofre lavagem cerebral, voltando, assim, ao estado inicial de louvor ao sistema distópico, como podemos ler na passagem a seguir:

A letra é minha. E esta agora também é a mesma letra, mas, felizmente, é apenas a letra. Nenhum delírio, nem metáforas absurdas, nem sentimentos: somente fatos. Porque estou saudável. Sorrio e não posso deixar de sorrir: removeram alguma lasca da minha cabeça, ela está leve, vazia. Para ser mais preciso: não está vazia, mas não há nada de estranho que me impeça de sorrir (ZAMIÁTIN, 2017, p. 314)

Em *Zamiátin*, assim como em Orwell, o indivíduo é derrotado pelo sinistro poder que o domina. Já na distopia de Mauro Chaves, lemos um relatório que narra a derrota do sistema em dominar completamente um indivíduo. Nesse sentido, enquanto *Zamiátin* apresenta-nos uma narrativa de vitória do poder distópico sobre um ser humano, Mauro Chaves escolhe nos oferecer a possibilidade do triunfo da alma humana contra a uniformização distópica representada na obra, o que pode nos levar a uma leitura dessa distopia como uma figuração de resistência até os últimos limites frente ao totalitarismo, mesmo quando não há escapatórias previstas no texto para outras realidades melhores. Assim, embora a novela possua um tom certamente pessimista, pois não vemos possibilidades de transformação daquela sociedade ou de sobrevivência de Ruam, sem que ele perca sua individualidade, vislumbramos, pelo menos, a possibilidade de uma resistência de alguém que morre, mas não se adapta a um sistema injusto e maligno. Portanto,

por contraditório que possa parecer, é na possibilidade da morte corpórea de Ruam que podemos fazer uma leitura de esperança de que, no final de tudo, a distopia perdeu, no sentido de que não conseguiu realizar aquilo que Erika Gottlieb (2001) aponta como a tentativa de domínio total de pensamentos e sentimentos.

Assim, *Adaptação do Funcionário Ruam* absorve o tema da possibilidade da destruição da humanidade do indivíduo frente a um poder distópico – chave para a leitura de *Nós, 1984* e *Laranja Mecânica* –, e o transforma em um tipo de resistência combativa que, embora não abra a possibilidade de derrubada do governo distópico representado pela Potestade, consegue, pelo menos, abrir a possibilidade de manutenção momentânea da individualidade humana, mesmo que isso signifique sua eliminação pela morte.

Considerações finais

Percebemos, pela leitura crítica de *Adaptação do Funcionário Ruam*, que alguns dos principais temas da literatura distópica do século XX se reconfiguram nessa narrativa de uma maneira que é possível argumentar por uma relação de intertextualidade entre essa distopia brasileira e distopias como *Nós, 1984* e *Laranja Mecânica*. A presença de temas como a criação de uma nova língua, o controle autoritário do comportamento, o uso da coerção e violência pelo governo, o conflito narrativo suscitado por um embate entre o poder distópico e uma resistência questionadora e, por fim, a tentativa de total aniquilamento da humanidade em um indivíduo por parte de um poder hegemônico, demonstra que a distopia brasileira aqui focalizada configura e reconfigura diversas obras importantes da tradição distópica clássica do século XX. Assim, ao nos relatar sobre as falhas do Grande Sistema na adaptação do funcionário Ruam, Mauro Chaves adaptou o gênero distópico ao contexto literário e discursivo do Brasil de sua época, compondo sua originalidade em uma genealogia que nos permite uma leitura comparada entre a ficção distópica brasileira com a tradição da literatura em outras línguas.

Certos aspectos distópicos da distopia de Mauro Chaves – como a degradação do meio ambiente e a relação belicosa do Brasil do futuro com outras nações –, não foram abordados nesta análise por uma questão de extensão, de modo que muitas possibilidades críticas permanecem no que diz respeito à configuração da sociedade distópica representada nesta obra. Também por uma razão de extensão do texto, não foram realizadas comparações com outras distopias além dos citados romances de Zamiátin, Orwell e Burgess, ainda que um diálogo intertextual com outras obras distópicas, tais como *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, e *Não Verás País Nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão (para citar uma outra distopia brasileira), seja possível e desejável. Portanto, no que diz respeito à intertextualidade de *Adaptação do Funcionário Ruam* com outras distopias, o estudo aqui apresentado pode ser expandido por outras leituras críticas nesse sentido. Por fim, também não foram aprofundadas, novamente por uma questão de extensão, as potencialidades críticas dessa obra em relação a certas características específicas do governo ditatorial militar que presidia o Brasil em 1975, ponto que pode também ser explorado em leituras posteriores. Assim sendo, o presente artigo é tanto uma proposta de expansão da fortuna crítica dessa peculiar distopia de nossa literatura, como um convite ao diálogo para que tal expansão não se finde. Afinal, assim como o governo autoritário imaginado por Mauro Chaves possuía paralelos e potencialidades críticas em relação ao governo autoritário brasileiro da ditadura militar, o Grande Sistema da Potestade também pode nos fazer pensar sobre o autoritarismo na política brasileira desde a época da publicação de *Adaptação do Funcionário Ruam* até a atualidade. Tal aproximação é possível pois, infelizmente, mesmo em tempos democráticos, o povo brasileiro ainda vem sofrendo com diversos aspectos distópicos, violentos e autoritários promovidos pelo governo do presidente eleito, no presente momento de escrita deste artigo, no ano de 2021.

Referências

AZEVEDO, Reinaldo. A Morte do Jornalista Mauro Chaves, *Veja*. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-morte-do-jornalista-mauro-chaves/>>. Acesso em 30 de jul. de 2021.

BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom. Introduction. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (ed.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. New York: Routledge, 2003. p. 1-12.

BURGESS, Anthony. *A Clockwork Orange*. London: Penguin Books, 1996.

BURGESS, Anthony. *Laranja Mecânica*. Tradução Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2019.

CHAVES, Mauro. *Adaptação do Funcionário Ruam*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: a Natural History. A Study of Modern Despotism, its Antecedents, and its Literary Diffractions*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

FERNANDES, Fábio. Prefácio. In BURGESS, Anthony. *Laranja Mecânica*. Tradução Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2019, p. 17-26.

KRISTEVA, Julia. A Palavra, o Diálogo e o Romance. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GINWAY, Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira – Mitos e Nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir, 2004.

GOTTLIEB, Erika. *Dystopian Fiction East and West: Universe of Terror and Trial*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2001.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: Jornalistas e Censores do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2004.

MIRANDA, Beatriz. *Ministério do Amor: A Representação da Tortura na Sociedade Distópica de 1984*. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras: Habilitação em Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

MOYLAN, Tom. *Distopia: Fragmentos de um Céu Límpido*. Edição de Ildney Cavalcanti e Felipe Benicio. Tradução Felipe Benicio, Pedro Fortunato, Thayrone Ibsen. Maceió: Edufal, 2016.

ORWELL, George. Introduction to Love of Life and Other stories. In: ANGUS, Ian; ORWELL, Sonia (ed.). *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, v. IV. London: Seeker & Warburg, 1968.

ORWELL, George. *1984*. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn; pós-fácios Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SUVIN, Darko. On the Poetics of the Science Fiction Genre. *College English*, n. 34, p. 372-382, 1972.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. *Nós*. Tradução Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017.